

Corpos, trabalho e meio ambiente na literatura de Alberto Rangel

220

Javier Uriarte¹

Apesar de ainda não ter sido suficientemente estudados, os escritos de Alberto Rangel foram fundamentais na construção de uma certa forma de representação da Amazônia de grande importância desde o começo do século XX. Rangel (1871-1945), oriundo de Recife, foi um engenheiro militar que trabalhou um longo tempo para o governo do estado do Amazonas. Viajou para a Amazônia pela primeira vez em 1904, junto com Euclides da Cunha, e teve diferentes trabalhos oficiais até que começou a trabalhar como diplomata em 1923, quando deixou o Brasil. Nos anos em

¹ Licenciado em Letras pela Universidad de la República do Uruguai. PhD pela New York University. Atualmente é professor de literatura latino-americana na Stony Brook University, NY. Autor de *The Desertmakers: Travel, War, and the State in Latin America* (Routledge, 2020), e co-editor (com Felipe Martínez-Pinzón) da coletânea de ensaios *Intimate Frontiers: A Literary Geography of the Amazon* (Liverpool University Press, 2019). Em 2021-22 recebeu a bolsa Marcel Bataillon sênior do Instituto de Estudos Avançados de Madri para trabalhar no seu projeto “Poéticas fluviais na Amazônia: deslocamento, infraestrutura, modernização”.

que trabalhou na Amazônia, Rangel obteve um conhecimento bastante específico sobre a situação econômica e social da região, e também sobre as suas tradições representacionais e mitos populares.

A sua obra focada na região amazônica inclui um importante livro, *Inferno verde: cenas e cenários do Amazonas* (1908), e outro, muito menos conhecido, intitulado *Sombras n'água: Vida e paisagens no Brasil equatorial* (1913).² Este artigo estuda a representação da relação entre humanos e meio ambiente em alguns textos destes dois livros, analisando as formas nas quais estas histórias representam as dificuldades que os humanos encontram na tentativa de domesticar e transformar a Amazônia num espaço produtivo da perspectiva ocidental. Mais especificamente, sugiro que a contínua luta (frequentemente destinada ao fracasso) contra a selva que aparece no centro destas histórias deve ser lida como uma forte denúncia da penetração do capital global que transformou dramaticamente a região nas primeiras décadas do século passado. Rangel propõe que este processo foi extremamente violento e que destruiu as vidas teoricamente harmônicas – porém muito difíceis – dos camponeses amazônicos, aos quais ele se refere como *caboclos*. Trata-se de uma versão original do tradicional topos da Amazônia como uma terra que espera o viajante que vai “conquistá-la” ou “penetrá-la”, porque as histórias de Rangel representam esse tema como cenas de estupro ou destruição do corpo de várias personagens femininas.

Inferno verde não é um livro muito conhecido ou citado com frequência nos estudos literários, mas é importante porque ele contribuiu à construção de um dos “Gigantes” da Amazônia, como os chamou Candace Slater (2002, p. 14-15). Trata-se de narrativas bem conhecidas sobre a natureza amazônica que são recorrentes em diferentes construções dela, mas

² Rangel foi um escritor realmente prolífico. O resto das obras dele, porém, não se centram na Amazônia. Elas são em geral crônicas, sobretudo históricas e militares, ou contos sobre personagens brasileiras (muitas delas políticas) e episódios do século XIX. Em outros textos ele fala sobre os anos nos quais trabalhou como diplomata na Europa, como funcionário do Estado brasileiro. Nas biografias de Rangel que consegui achar para este trabalho, embora muitos livros dele sejam mencionados, não há qualquer referência a *Sombras n'água*. De fato, não consegui achar nem sequer um texto crítico sobre esta coleção de histórias. “Descobri” este livro numa referência rápida de Francisco Foot Hardman (2009, p. 30). As memórias de Alberto Rangel, que permanecem em grande parte inéditas, intituladas “Águas revessas”, se encontram na biblioteca da Universidade Estadual de Campinas. Elas foram estudadas por Fabiana Bigaton Tonin na sua dissertação de mestrado (UNICAMP). O cuidadoso trabalho inclui como anexo a transcrição dos volumes I e II das memórias (elas estão compostas, no total, de 7 volumes).

que às vezes podem contribuir a simplificar a extraordinária complexidade e heterogeneidade desta região transnacional. O caráter “infernado” da selva, isto é, a representação dela como um espaço desconhecido e agressivo que rejeita a presença humana e resiste a sua lógica transformacional, é um tópico importante na literatura latino-americana da primeira metade do século XX. *La vorágine* [A voragem] (1924), de José Eustasio Rivera e *À margem da história* (1909), de Euclides da Cunha, e outras narrativas que as seguiram, representam uma selva impenetrável e gigantesca que resiste à domesticação ou destrói aqueles que procuram transformá-la. A inveterada ausência de estado e de lei da Amazônia é uma obsessão para os intelectuais latino-americanos nas primeiras décadas do século passado.

222

A literatura de Alberto Rangel não pode ser entendida sem que aludamos ao boom da borracha, que ocorreu entre a segunda metade do século XIX e a segunda década do século seguinte. Esta penetração sem precedentes do capital global transformou a região numa fronteira cosmopolita em muitos sentidos. Cidades como Iquitos no Peru, e Belém e Manaus no Brasil, sofreram mudanças significativas na arquitetura e sociedade (WEINSTEIN, 1983, p. 84-86). Ao nos aproximar das histórias de Rangel, devemos entender o boom da borracha num sentido mais geral; isto é, embora haja muitas referências à produção da borracha especificamente (o conto “Maiby”, que será analisado no final do artigo, talvez seja o caso mais claro), a maioria das histórias não representam cenas de extração de borracha, nem as personagens delas são, em geral, trabalhadores da borracha. Entendo aqui o boom da borracha no sentido de atividades relacionadas à extração de recursos naturais, à presença do capital global, e à destruição do meio ambiente provocada por uma busca desesperada de riquezas. No momento da publicação dos livros estudados neste artigo, a extração da borracha se encontrava no momento mais alto, e era o exemplo mais forte (mas de jeito nenhum o único) da presença destruidora do capital global na região.

O boom da borracha, assim, deve ser lido no contexto do que se chamou a “era da exportações na América Latina” (em inglês, the Latin American Export Age), que caracterizou as últimas décadas do século XIX e as primeiras do XX. Nesses anos, a América Latina virou uma parte crítica

das redes comerciais globais como um exportador de matéria-prima e um importador de produtos manufaturados. François Perus discutiu algumas implicações deste processo: “A ‘modernização’ latino-americana se baseou numa impiedosa superexploração de trabalhadores rurais, transformados violentamente em seres ‘híbridos’ (semiproletários, semi-serventes, semiescravos), muito benéficos para as classes exportadoras” (PERUS, 1980, p. 48). Ericka Beckman (2013) mostrou que as regiões periféricas, como a América Latina, não se encontravam atrasadas ou fora das redes do capital; pelo contrário, faziam parte essencial dessas: “Durante a era das exportações, as selvas, florestas, e planícies representadas nos romances regionalistas não se encontravam de jeito nenhum fora das modernas relações sociais capitalistas, mas no próprio centro dos regimes de exportação de commodities. Em vez de representar a negação do espaço urbano, portanto, o setor rural-extrativo representa o seu reverso complementar e escondido” (BECKMAN, 2013, p. xxvi). Rangel parece haver entendido muito bem o papel central que a região amazônica possuía na economia global do seu tempo. Na sua história “O caçador de plumas”, de *Sombras n’água*, a atividade local de recolher penas de garças aparece conectada explicitamente aos usos luxuosos e burgueses deles nos centros do capital global, e as partes mais remotas do planeta aparecem assim conectadas às modernas cidades europeias pela mesma rede de extração, produção e consumo:

Por que estaria valendo tanto, cousa tão à toa, como os fiapos inúteis, com que as garças se vestiam no período da postura? Accacio não podia explicar ao amigo, que a Moda, pompeia vadia e dispendiosa nos asfaltos de Paris, tem exigências de imperatriz esmaniada. Quer para o regaço das damas-bonecas pellos que só se encontrarão em bichos do polo e lá vae o homem sobre skis ou dentro de kayaks varejar os confins gelados da terra; quer o dente do pachyderme nos juncaes africanos; quer o passaro joia-espumalabareda, refugiado nos silvedos da certa ilha da Oceania; quer a gemma ou o metal embutidos nos filões ou nos extractos das rochas, ataviando o collo das ondinas, rolando nas areias fluviaes; atraz d’essas inancias se descavam as montanhas, se varrem as profundezas do mar, se muda o curso dos rios; o planeta estremece todo por causa do luxo e dos caprichos da futilidade amimada do mulherio. (p. 151-52)³

³ Ao longo deste artigo, nas citações dos textos de Rangel, se mantém a grafia original, muito diferente do português contemporâneo. É interessante notar que *La vorágine*, talvez a mais conhecida obra de denúncia dos efeitos devastadores do *boom* da borracha, também inclui um episódio que narra a brutal recolhida de penas de garças: “Los indios invadían a trechos las espesuras, hurgando en las tinieblas con las palancas, por miedo a güíos y

Esta citação expressa a consciência que Rangel tinha do lugar que as assim chamadas nações periféricas (entendidas segundo este olhar basicamente como natureza remota) tinham no sistema capitalista global, já que o narrador descreve o processo que as mercadorias obtidas em fronteiras difíceis de alcançar sofrem até que elas ficam disponíveis para o consumo nos centros urbanos europeus. O mercado global concebe estas regiões supostamente remotas do planeta como uma parte integral do processo de extração, industrialização e consumo. É interessante que a razão pela qual os homens extraem estes objetos de luxo, segundo o texto (e segundo o texto de Rivera transcrito em nota acima), tem a ver com os caprichos arbitrários das modas femininas. Além da provável misoginia de alguns dos comentários do narrador, vale a pena apontar que os corpos das mulheres parecem ter relevância no começo e no final do processo de extração-produção-intercâmbio.

224

Aqui me interessa sublinhar precisamente como nos textos de Rangel esta presença do capital é a causa de uma fundamental desarmonia no espaço amazônico. Nestes dois livros, os temas centrais na representação da relação entre os humanos e a natureza são o capital e sua consequência mais notável (e talvez também a causa), a ambição ilimitada dos homens, dois elementos que, na estética bastante moralizante de Rangel, destroem a relação entre os seres humanos e, também, entre eles e o meio ambiente. Philippe Descola discute os principais conceitos que diferentes civilizações usaram para se referir àquilo que poderíamos chamar o deserto (o inglês usa o termo “wilderness”, de difícil tradução para o português), e sugere

caimanos, hasta completar su manojo blanco, que a veces cuesta la vida de muchos hombres, antes de ser llevado a las lejanas ciudades a exaltar la belleza de mujeres desconocidas” (RIVERA, 2002, p. 205). Agradeço a Gabriel Rudas por ter me mencionado este episódio no romance de Rivera. Leopoldo M. Bernucci sugeriu convincentemente que Rivera tinha lido Rangel. Ele afirma que Rivera tinha comprado *Inferno verde*, e transcreve uma carta dele fazendo referência explícita ao livro. Além disso, Bernucci compara passagens de *La vorágine* e *Inferno verde*, e sugere que Rivera pode ter se inspirado neste livro de Rangel (BERNUCCI, 2018, p. 77-83). Embora “O caçador de penas” não faça parte de *Inferno verde*, e Bernucci não mencione *Sombras n’água*, não parece improvável que Rivera tenha conhecido também este livro de Rangel. Além da procura de penas, também a indústria das castanhas cresceu muito nestes anos. Sobre este assunto, ver o capítulo IV de *The People of the River*, de Óscar De la Torre (2018, p. 74-94). Outra útil perspectiva comparada e panorâmica sobre as relações entre a exploração da borracha e a literatura no período 1870-1930, é o capítulo “Rubber”, de Alejandro Quin, de próxima aparição.

convincentemente que a noção é instável é imprecisa.⁴ Descola mostra que a distinção clara entre o espaço do deserto e o que poderíamos chamar de lar (ou o espaço do domesticado ou da civilização) se limita ao que se conhece como Ocidente. Ou seja, não se trata de jeito nenhum de uma distinção universal, compartilhada por várias culturas e épocas. No seu livro, Descola tenta mostrar continuidades (e não, pelo contrário, oposições claras) entre estas noções, tão frequentemente entendidas como mutuamente excludentes (DESCOLA, 2013, p. 18-31).

225

Isto não é o que acontece nos contos de Rangel, que são profundamente antropocêntricos, já que neles não há quase continuidades entre os humanos e o meio ambiente. Nestas histórias achamos recorrentemente personagens que tentam transformar o espaço que os rodeia através do trabalho; tentam limpar a selva para assim inaugurar áreas de produtividade no meio dela. Talvez a noção central que atravessa os textos de Rangel é parecida com o que os romanos chamavam *domus*, “an environment for living, originally involving agricultural exploitation, in which, under the authority of the paternal head of the family and the protection of the household deities, women, children, slaves, animals, and plants all found conditions that favored the realization of their true natures” (DESCOLA, 2013, p. 49). Nos seus contos, o espaço físico do lar implica fortemente a noção de domesticação, como aliás é sugerido pela raiz romana da palavra *domus*. Esta domesticação, porém, não é quase nunca bem sucedida, e esse fracasso é causado em muitas ocasiões pelo violento desejo sexual e a cobiça, elementos que são quase identificados nos contos. Este artigo, assim, coloca a ênfase na importância da noção de *lar* nos estudos do meio ambiente. Peter Remien discute a ideia de “natural oecology”, sublinhando a sua relação com o lar e o doméstico. Ele também cita Michel Foucault, quem se refere à palavra grega *oikos* como aquilo que “comprises more than just the house proper; it also includes the fields and possessions,

⁴ Na retórica do século XIX e começos do século XX, os intelectuais latino-americanos usaram a expressão “deserto” para se referirem a espaços não conhecidos ou não conquistados pelo Estado, identificados com a ausência de instituição, de lei e de “civilização”. Por exemplo, vários textos de começos do século XX se referem à selva amazônica como “deserto”. Este uso é reiterado, por exemplo, no romance de José Eustasio Rivera já mencionado *La vorágine*. Para uma análise detalhada dos sentidos do termo “deserto” nas últimas décadas do século XIX, ver URIARTE, 2020.

wherever they may be located [...] [I]t defines a whole sphere of activities. And this activity is connected to a lifestyle and an ethical order” (REMIEN, 2017, p. 1121).⁵

Eu sugiro que estas noções estão no centro da estética de Rangel, e da sua ideia do papel que os humanos têm no meio ambiente. Muitos textos dele se focam no espaço doméstico, entendido não só como a casa, mas também como o espaço ao redor, os espaços onde o trabalho precário dos protagonistas acontece. O trabalho que aparece aqui é um trabalho de subsistência, e às vezes de resistência ao avanço da floresta sobre os espaços construídos pelos homens.⁶ No seu estudo sobre a oeconomia na primeira modernidade, Remien afirma que essa foi “not expansive and profit-oriented but static and focused on self-preservation [...] while avoiding more intensive forms of socioenvironmental manipulation” (REMIEN, 2017, p. 1122).

Num certo sentido, esta ideia poderia se relacionar com a ficção de Rangel, na qual é possível perceber uma atitude diferente do narrador a respeito do trabalho, representado como precário e íntimo, das populações locais na Amazônia (caracterizadas, como dito acima, como “caboclos” no seu texto, ideia que, nele, não inclui as comunidades indígenas) contra a lógica destrutiva do capital global, que busca transformar os espaços numa escala macro e quase ilimitada.⁷ É muito interessante o fato de que as

226

⁵ Remien explica numa nota que tanto a palavra *oeconomy* quanto *ecology* provêm do grego *oikos* (“lar”) (REMIEN, 2017, p. 1131). Sobre a noção de oikonomia, ver também o ensaio “O que é um dispositivo?” (2015).

⁶ De fato, muitas das casas que aparecem nos contos acabam sendo invadidas pela natureza; elas viram ruínas conquistadas pela selva. Esta “conquista inversa” que fecha algumas das histórias constitui uma interessante forma na qual a continuidade entre natureza e o mundo feito pelo homem aparece nos textos. Porém, em Rangel este não é o estado natural das coisas (como, por exemplo, acontece com as continuidades que Descola descreve no primeiro capítulo de *Além de natureza e cultura*), mas parte da representação trágica da incapacidade do homem para domesticar a floresta. Os contos que terminam com essas cenas da natureza conquistando casas em ruínas incluem “Inferno verde” (de *Inferno verde*), “Fim de vida nova”, “A panella do Serapião” e “O leproso Xavier” (de *Sombras n’água*).

⁷ Barbara Weinstein oferece uma definição dos caboclos: “Generally of Indian or mixed descent, the typical caboclo family was poor, propertyless, and deculturated, having lost all ties to the tribal community. Once on its own, the caboclo family had to rely on a combination of hunting, fishing, and manioc cultivation, which even under favorable circumstances yielded a meager subsistence, and usually provided very little surplus to exchange for other goods, or to store as a hedge against hard times” (WEINSTEIN, 1983, p. 13). Weinstein continua descrevendo as formas nas quais o caboclo era muitas vezes vítima de enganos, fraudes e trabalho forçado. Embora os *caboclos* são ou podem ser

personagens amazônicas acabam sendo com frequência destruídas nos seus esforços transformadores, e ao mesmo tempo a lógica do capital global se percebe através dos seus efeitos devastadores nos caboclos. De fato, é como se para Rangel trabalho e capital fossem dois elementos que se excluem um ao outro, e cada um deles representasse uma lógica específica de relação com a natureza.

Os textos de Rangel encenam também questões relacionadas com a intimidade, já que não só aparecem neles encontros íntimos, mas sobretudo porque estes encontros têm a ver com espaços interiores. Eis uma importante novidade com respeito à tradição representacional da Amazônia. O tipo de espacialidade que predomina na maioria das histórias rangelinas não é a selva gigantesca, ameaçadora ou obscura (embora estes elementos sejam em geral considerados parte do imaginário “infernado” da região, à construção do qual o próprio Rangel contribuiu muito), mas, pelo contrário, um lar precário ou que às vezes vira estranhamente alheio, ou que não pode mais ser reconhecido, que contém diferentes formas do monstruoso (talvez a monstruosidade do não produtivo?), ou que some completamente. Os contos de Rangel representam tentativas malsucedidas de possessão e fundação, simbolizadas pela impossibilidade do retorno à casa.⁸ Algumas vezes a despossessão final das personagens caboclas é compensada por uma fusão com a natureza *post-mortem*, elemento que também aparece como central na ideia de morte de muitas religiões.

Assim, as personagens principais destes contos continuamente lutam contra a natureza, mas procurando só manter um espaço limitado para elas onde plantar alguns cultivos, um pequeno jardim onde obter o suficiente para subsistirem com a produção própria. Isto é, parece que a autossuficiência é entendida como um modelo positivo. Além da casa em si,

indígenas, Rangel parece estabelecer uma distinção entre o caboclo e os índios; ele quase nunca representa estes últimos. Ele não se refere às populações locais como “índios”. Um exemplo bastante problemático da representação do apagamento ou da condição ruínosa das comunidades indígenas é o conto “A decana dos muros”, de *Inferno verde*. Neste caso, por exemplo, a mulher indígena é representada como um corpo em decadência, mas não associado com um ativo desejo de transformação do meio ambiente através do trabalho duro, que é uma característica fundamental do caboclo de Rangel.

⁸ Eu já discuti alguns aspectos da representação do retorno ao lar num artigo que compara o mundo amazônico de Rangel ao do escritor anglo-argentino William Henry Hudson no romance *Green Mansions* (1904) (URIARTE, 2016).

o limitado espaço contíguo a ela é uma parte chave dos íntimos e precários espaços do trabalho que estas personagens tentam inaugurar e preservar ante a natureza agressiva. É provável que estas personagens sejam apresentadas como positivas nos contos de Rangel porque seu modo de entender o trabalho e a produção ignora em geral o circuito e as dinâmicas do capital descritas acima. Esta pode ser também a razão pela qual esses projetos estão destinados ao fracasso, e os objetos que eles produzem acabam se transformando em ruínas, “conquistados” pela natureza. Poderíamos dizer que a precariedade é o elemento principal do estilo de vida proposto nestes contos. Anna Tsing sugeriu que “a precariedade é uma condição do nosso tempo” (TSING, 2015, p. 20) ao opor uma narrativa da precariedade à do progresso e da modernização. Ela argumenta que é difícil para nós vermos essa centralidade da precariedade no presente, já que essas narrativas são muito mais poderosas, e de grande influência nas formas em que entendemos o tempo e a vida. Embora seja um exagero afirmar que para Rangel a precariedade seria um estado desejado, não há como duvidar que os seus contos tratam daquilo que “é expulso do sistema” (TSING, 2015, p. 20), para falar com a linguagem de Tsing, de práticas de resistência que acabam sendo as ruínas do capitalismo.

Muitos exemplos destes pequenos proprietários vão ser comentados ao longo deste artigo, mas talvez o protagonista do conto “Terra Cahida”, de *Inferno verde*, seja particularmente pertinente, e por isso merece alguma atenção. Ele é admirado como um trabalhador incansável: “fôra decidido trabalhar na terra. Creando o gado [...], plantando o milho, o feijão, a mandioca e ‘tirando’ umas gallinhas, sempre havia isso de dar para sustental-os” (RANGEL, 1914, p. 64). A precariedade é sublinhada pelo fato de a selva ficar sempre perto, ameaçadora: “A matta faz do lavrador uma sentinella alerta. Abandone o homem o seu posto e ella vigorosamente irrompe pelas linhas do roçado, d’este se apoderando de novo” (RANGEL, 1914, p. 66). O que se narra na sequência é justamente uma “distração” da família, que acontece quando Cordulo decide que eles podem ir a uma festa na beira oposta do rio. Ao voltarem, eles não conseguem achar a casa, já que, como consequência da montante do rio, a terra se mexeu e a arrastou. O conto termina com a decisão do protagonista de começar a construir a casa

desde zero novamente. O sumiço da casa deve ser lido como parte de uma retórica que descreve o rio como instável ou “nômade”. Esse papel do rio na vida amazônica pode se relacionar, até um certo ponto, com a predominância da indeterminação e a ausência de teleologia que, segundo Tsing, caracterizam a precariedade no mundo contemporâneo (TSING, 2015, p. 20).

As forças destrutivas do capital aparecem através de personagens que não são originários da Amazônia: às vezes são europeus, mas em muitas ocasiões são imigrantes do sertão que, durante o século XIX e a virada do século, acudiram em enormes quantidades procurando trabalho nessa região (HECHT, 2013, p. 53-54; WEINSTEIN, 1983, p. 116). No conto que abre *Sombras n'água*, “Fim de vida nova”, os estrangeiros e os migrantes brasileiros são considerados igualmente abusivos: “Veio o civilizado, rasgou-lhe as roupas; o satyro, saciando-se, descompõe-na para lhe beber o sangue. Na resolução de dominar a terra repugnada, os filbusteiros europeu e ‘cearense’ estenderam verdadeiras linhas de operações” (RANGEL, 1913, p. 54). Muitos migrantes do sertão procuravam desesperadamente escapar às terríveis secas periódicas que caracterizam a região, e eles iam lá atraídos pela promessa de riquezas infinitas e de fácil obtenção. Muitas personagens destas histórias são fugitivos das condições inumanas de trabalho que, ao contrário do esperado e prometido, encontraram na Amazônia. Porém, não todos os sertanejos que chegavam na Amazônia eram migrantes pobres. Pelo contrário, muitos eram coronéis, militares que (com apoio do Estado) procuravam com cobiça se apropriar de grandes extensões de território.⁹ A luta entre os homens que chegavam de outras regiões do país ou de outras nações por uma parte, e os caboclos da região por outra, é explícita no conto “Obstinação”, de *Inferno verde*: “De uns que vinham: – muitos, e outros [que] já estavam: – poucos, fez-se oposição latente” (RANGEL, 1914, p.163).¹⁰

⁹ Exemplos onde essas personagens aparecem são os contos “Obstinação”, “Maiby” e “O caboclo Vicente”, de *Inferno verde*. Estas figuras eram conhecidas como “coronéis da borracha”, e eram geralmente brasileiros da alta sociedade de Belém e Manaus (SOUZA, 1978, p. 97-102). Rangel é muito crítico da presença deles na Amazônia, e os representa como impulsionados por um violento desejo de posse da terra.

¹⁰ O conto também afirma que “A ambição, de cabeça de Medusa, commandava as populações immigradas” (RANGEL, 1914, p.163).

Os únicos momentos em que é possível encontrar o que Descola chamou de “configurações de continuidade” acontecem quando os corpos das mulheres se associam com elementos naturais no sofrimento de ambos como consequência das ações destrutivas dos homens cobiçosos. Os corpos humanos são representados como elementos naturais quando eles viram corpos *mortos*, quando viram, eles próprios, ruínas.¹¹

Esta destruição tem a ver, em grande parte, com o sexo. Os contos de Rangel representam com frequência cenas de encontros sexuais violentos, nos quais homens cobiçosos que buscam explorar a terra são representados como estupradores e/ou assassinos de mulheres da Amazônia, geralmente caboclas. Antes de analisar algumas destas cenas concretas, gostaria de me desviar um pouco para comparar brevemente os escritos amazônicos de Rangel com os de Euclides da Cunha, também muito importantes e talvez mais conhecidos, já que o primeiro é frequentemente considerado apenas um seguidor do segundo (MALIGO, 1998, p. 53).¹² Há porém alguns importantes aspectos nos quais a prosa de Rangel se diferencia da do mais conhecido amigo. Além do fato de que Rangel escreve fundamentalmente ficção (a qual está ausente da obra de Euclides, pelo menos num sentido básico), quero me referir a dois aspectos que são centrais para o argumento deste artigo, e que não foram ainda trabalhados suficientemente pela crítica. Em primeiro lugar, é importante sublinhar que a sexualidade está quase completamente ausente dos escritos euclidianos sobre a Amazônia, quando pelo contrário ela é uma parte essencial da minha leitura de Rangel. Eis uma diferença fundamental na forma em que os dois escritores imaginam e representam o território.¹³

230

¹¹ Aqui há também um paralelismo entre as casas abandonadas que viram ruínas, discutidas numa nota acima, e os cadáveres humanos.

¹² Euclides e Rangel eram bons amigos e tinham estudado juntos na escola militar de Praia Vermelha no Rio de Janeiro. Euclides escreveu o prefácio ao livro *Inferno verde*, no qual ele celebra o estilo de Rangel e a sua representação da Amazônia. De fato, Allison Leão explica que o próprio prefácio teve tanta influência quanto o livro de Rangel nas posteriores representações da selva (LEÃO, 2011, p. 46). Esta tradição representacional é o que Leão chama de “infernismo” (LEÃO, 2011, p. 30). Embora Pedro Maligo estabeleça algumas diferenças entre Euclides e Rangel no uso das imagens, ele entende que o segundo foi um dos seguidores do primeiro. Ele nunca menciona o livro *Sombras n’água*, no qual a influência de Euclides é claramente menor.

¹³ Frederic Amory notou que não há estudos de temas sexuais na obra de Euclides (não só nos seus escritos amazônicos, mas em geral), e sugeriu o possível existência de uma certa repressão sexual na sua vida e obras (AMORY, 2008, p. 12).

Em segundo lugar, nos contos de Rangel, como já vimos, a maioria dos homens abusadores vêm de fora do espaço da Amazônia, o que é importante; a maioria são imigrantes do sertão. Euclides, pelo contrário, achava que estes migrantes estavam transformando produtivamente a região. Ele via os sertanejos como trabalhadores fortes que eram responsáveis pela domesticação da Amazônia; como pioneiros dispostos a sacrificar tudo trabalhando em condições duríssimas. Para Euclides, eles representavam um primeiro passo fundamental na necessária apropriação e exploração da região por parte do Estado.¹⁴ Eis mais uma diferença significativa entre a representação da Amazônia desses dois amigos, já que Rangel imagina o imigrante sertanejo, quase sem exceção, como um brutal predador sexual e econômico. Trata-se de dois aspectos essenciais na estética de Rangel, e no argumento deste artigo.

231

A importância da sexualidade e do corpo na literatura de Rangel é enorme. Os estudos sobre a sua obra a que obtive acesso não se interessam pela maneira na qual, nela, o sexo e os corpos interagem com o meio ambiente e o capital. A noção de “zona de contato” de Mary Louise Pratt (1992, p. 12) torna-se na literatura de Rangel espaços de contatos concretos entre corpos, nos quais as relações de dominação e exploração adotam a forma do abuso, do estupro, e do assassinato. A floresta faz com que os corpos daqueles que querem morar nela ou explorá-la virem o ponto central na relação – conflitiva – deles com o espaço e com outros seres humanos.

Esta importância do sexo não é nova se consideramos as formas nas quais a Amazônia (e o continente americano em geral) foi representada desde o século XVI. Assim, o narrador dos contos em *Inferno verde* mostra que ele conhece a tradição representacional da região. Em “Hospitalidade”, por exemplo, ele se refere explicitamente ao “Eldorado esvaído de Sir

¹⁴ Por exemplo, Euclides afirma que “O cearense, o paraibano, os sertanejos nortistas, em geral, ali estacionam, cumprindo, sem o saberem, uma das maiores empresas destes tempos. Estão amansando o deserto. E as suas almas simples, a um tempo ingênuas e heroicas, disciplinadas pelos reveses, garantem-lhes, mais que os organismos robustos, o triunfo na campanha formidável” (CUNHA, 1909, p. 57); e, também, “cem mil sertanejos, ou cem mil ressuscitados, apareciam inesperadamente e repatriavam-se de um modo original e heróico: dilatando a pátria até aos terrenos novos que tinham desvendado” (CUNHA, 1909, p. 66). Sobre este assunto, ver HECHT (2013, p. 11).

Walter Raleigh” (RANGEL, 1914, p. 89), o viajante que pode ter sido o primeiro ao articular a ideia da Amazônia como uma mulher virgem que espera ser “conquistada”. Raleigh conclui seu livro *Discoverie of the Large, Rich and Bewtiful Empyre of Guiana* (1596) informando à rainha Isabel que “Guiana is a Countrey that hath yet her Maydenhead” (RALEGH, 1997, p. 196). Se isso não fosse ainda prova suficiente, em “O Tapará” (também em *Inferno verde*) e, novamente, “Hospitalidade” é possível ler expressões mais explícitas deste imaginário sexualizado como, respectivamente, “os violadores da terra” (RANGEL, 1914, p. 23) e “O Amazonas... ao mesmo tempo terra virgem e violada” (RANGEL, 1914, p. 97). Embora a celebração do homem poderoso que conquistava e “fertilizava” a terra seja comum na literatura colonial sobre a região, Rangel representa essa “conquista” como um estupro violento. Assim, o que era uma fecundação necessária vira na sua estética, centralmente, uma forma do abuso. Além disso, esta representação adota mais um elemento interessante, já que Rangel conecta esse tropo com histórias e crenças locais da Amazônia, sobretudo as que têm a ver com o boto rosa, de grande presença nas populações ribeirinhas.

Os homens hipersexualizados que atacam as mulheres são comparados às vezes com criaturas míticas, algumas de grande importância nas culturais locais e na vida cotidiana das populações amazônicas. Por exemplo, o acima mencionado (e de título eloquente) “Fim de vida nova” narra a história de Zepha, uma cabocla que vive com Gervásio, um homem que trabalha para transformar o espaço próximo à casa num espaço de produtividade. Ao mesmo tempo, ela é violentamente desejada por Isidro, uma personagem que a tinha possuído no passado e que, ao encontrá-la sozinha lavando as roupas à beira do rio, tenta seduzi-la novamente. Após ter sido rejeitado na sua primeira tentativa, o narrador compara a forma com a qual ele deseja Zepha com os elementos sexuais atribuídos ao boto rosa. Zepha volta para a sua casa escapando dele, e o narrador comenta: “Dir-se-ia que a mulher fugia [...] às instancias renitentes do boto, que a seguisse, pelos instinctos amatorios que a lenda attribue ao peixe” (RANGEL, 1913, p. 49). Candace Slater explorou as várias experiências e interpretações das populações locais relacionadas com este animal como amante: “Emblems of

raw and ultimately impersonal desire. Dolphins are at once sinister and wondrous. Not only do they emerge from the depths without the slightest warning, but their tremendous physical attraction estranges the individual from a once-familiar world” (SLATER, 1994, p. 200). As personagens destas narrativas não mantêm os elementos positivos do boto, o qual, como esta citação sugere, parece ser uma figura ambivalente, mas alguns dos elementos que aparecem aqui estão claramente presentes na representação construída por Rangel: o boto com o qual o narrador associa Isidro é sem dúvida sinistro, e, sobretudo, ele desestabiliza profundamente o mundo íntimo ou familiar da pessoa que quer seduzir.¹⁵ No conto que analisamos aqui, a destruição do mundo familiar de Zepha é a principal consequência da chegada de Isidro, que, após ter sido rejeitado, volta e tenta agredir sexualmente a Zepha. Depois de uma nova e veemente rejeição, ele a mata. A cena de violência acontece no espaço da casa, precisamente quando Zepha, depois de ter falado pela última vez com Isidro no jardim, tenta entrar de novo na casa. Trata-se então do espaço da intimidade que caracteriza o projeto de transformação da paisagem guiado pelo desejo de estabilidade. Além de a mulher ser morta a facadas, é o projeto íntimo que é destruído nesse mesmo momento.

Em *Sombras n'água* praticamente todos os contos contêm elementos sexuais.¹⁶ Em geral, encontram-se homens que se aproveitam de ou estupram (ou tentam estuprar) mulheres, que sentem uma atração quase animal, violenta e incontrolável por elas. Como o narrador do já mencionado “O caçador de plumas” expressa, as mulheres são “vítimas devoradas por esse minotauro guloso da virgindade das caboclas” (RANGEL, 1913, p. 147). Numerosas expressões de um tom similar podem se encontrar através do livro. Por exemplo, os protagonistas do conto “Os sátiros” (de título eloquente) são descritos como “animais em cio” (RANGEL, 1913, p. 112). Esta mistura entre figuras animalizadas pertencentes a lendas ocidentais (o Minotauro, os sátiros, ver a menção da

¹⁵ Embora ele seja representado como um sedutor nato, o boto não é em geral considerado um violador ou agressor na cultura popular da Amazônia.

¹⁶ Voltando ao tema da relação com Euclides da Cunha, é interessante que seja precisamente este livro, publicado cinco anos depois da morte dele – e, por isso, talvez menos suscetível às suas influências diretas – o que dá maior importância à questão sexual.

Medusa acima, entre outras) e mitos originais da Amazônia, como o do boto rosa, mostra que o olhar de Rangel sobre as complexas dinâmicas da região nas primeiras décadas do século XX era bastante sólido. O papel chave da Amazônia nas lógicas do capital global é assim colocado em relação com elementos da cultura popular e local, numa lógica que representa a tensão entre o global e o local que sempre caracterizou a região.

Como já vimos, a origem das personagens adota um papel central nas tramas destes contos. O fato que as suas características e o seu destino dependam das origens pode ser devido à influência do determinismo social e biológico típico do movimento literário conhecido como naturalismo. O caboclo, nativo da Amazônia, é geralmente representado como uma personagem positiva: os e as caboclas são honoráveis, têm princípios, e sobretudo, focam a energia deles na transformação do espaço amazônico através do trabalho duro. Como já mencionamos, os textos de Rangel não acenam a uma possibilidade de identificação ou comunhão – nem a uma continuidade, em termos de Descola – entre natureza e seres humanos. Para ele, a distância entre o humano e o mundo mais que humano deve ser mantida. Trata-se na verdade de uma parte chave da visão da filosofia moderna sobre a natureza. É uma forma do que Neil Smith chamou de uma natureza externa “waiting to be internalized in the process of social production” (SMITH, 2008, p. 11). Esta internalização é uma domesticação, no sentido etimológico do termo, isto é, fazer com que o selvagem e incompreensível se torne legível, parte do universo próprio. Não é uma coincidência, claro, que muitos dos contos de Rangel ocorram em espaços íntimos. Entender a natureza como um objeto que pode ser controlado e manipulado é parte de uma lógica de transformação cujo objetivo é a produção de mercadorias. Este elemento de separação, esta condição radicalmente outra do mundo natural, tem a sua origem no discurso racionalista da ciência, imposto na Europa no século XVII. Segundo Jonathan Bate, o movimento romântico propôs uma nova forma de entender a relação entre humanos e natureza, que desapareceu por volta da segunda metade do século XIX (justamente nos anos da maior influência do naturalismo e do positivismo). Não só o liberalismo entendeu a natureza em termos de recursos naturais, mas também o marxismo: “Marx characterized

the relationship between man and nature in terms of dialectical opposition rather than unity. Man is defined as different from the animals by virtue of his mastery of nature, his ‘working-over of inorganic nature.’ Nature is the raw material for production; it is approached in terms of use-value” (BATE, 1991, p. 57).¹⁷ A forte denúncia que Rangel faz dos efeitos devastadores do capital global no meio ambiente não significa que ele adote uma perspectiva preservacionista sobre a natureza, e muito menos uma visão pós-antropocêntrica.

Como vimos no caso de José Cordulo, o protagonista de “Terra Cahida”, as personagens caboclas são pessoas trabalhadoras que passam por muitos sofrimentos e sacrifícios enquanto livram uma batalha contra a floresta. Por exemplo, no conto “Obstinação”, de *Inferno verde*, lemos sobre a luta de Gabriel, um caboclo caracterizado por “um apego natural e immanente à terra” (RANGEL, 1914, p. 155), contra a “guela cobiçante” de terra do Coronel Roberto, descrito como tendo um “appetite de Gargantua” (RANGEL, 1914, p. 162).¹⁸ Há aqui uma conexão reveladora entre cobiça, luxúria e glotonaria, os três tipos de apetites ou excessos que caracterizam o migrante sertanejo na Amazônia. Há, no mesmo conto, referências a estes migrantes como uma “população estranha [...] sobrevivida no plano exclusivo de ganhar dinheiro a rodo” (RANGEL, 1914, p. 163). No texto também fica claro que o Coronel Roberto não cultivava a terra, enquanto há uma longa lista dos produtos que Gabriel cultivava. A última forma de resistência de Gabriel à expropriação ilegal (porém autorizada pelo Estado) de sua terra e à expulsão que sobreviria, é cometer suicídio e virar desse modo ele próprio parte do seu espaço. O seu corpo não pode ser achado porque virou só ossos; está coberto de vegetação porque, uma vez

235

¹⁷ Trata-se de uma afirmação questionável, como o sociólogo John Bellamy Foster mostra em *Marx's Ecology*. Bellamy Foster argumenta que “the notion of the human ‘domination of nature’, while tending toward anthropocentrism, does not necessarily imply extreme disregard of nature or its laws” (FOSTER, 2000, p. 12). Seu livro procura ler Marx do ponto de vista da ecologia, e mostrar a importância da ecologia no pensamento dele. Os detalhes sobre este debate, embora sejam fascinantes, ficam muito além dos limites deste artigo, mas o assunto é de qualquer forma pertinente para entender o universo literário de Rangel. Como vimos, embora o pensamento dele não seja de jeito nenhum pós-antropocentrista, a sua obra expressa uma desejável (nos seus contos, em geral fracassada) comunidade entre pessoas trabalhadoras e o seu meio ambiente mais próximo (sempre transformado pelo trabalho). Rangel poderia estar, neste sentido, perto de uma perspectiva marxista sobre a natureza, pelo menos na forma em que Bellamy Foster a apresenta.

¹⁸ Podem-se ver aqui novamente referências a elementos da tradição literária ocidental.

decomposto, virou parte da terra. Perto do final do conto, podemos ler: “Quando a onnipotencia da Riqueza, congraçada ao Orgulho e à Ambição, ia arrancar-o do seu reducto familiar, elle resolvêra o inaudito protesto macabro do sepulchro, que receberia ainda vivo o homem que o cavára” (RANGEL, 1914, p. 167-68).

236 Talvez seja o conto “Maiby”, também de *Inferno verde*, o que com maior claridade estabeleça o paralelismo entre o sofrimento da natureza durante o boom da borracha e o sofrimento do corpo feminino. A personagem principal é Sabino, um migrante sertanejo que trabalha para uma companhia de borracha e decide, como forma de se libertar da escravidão por dívidas que caracterizava o sistema de extração da borracha, vender para outro trabalhador todas as suas possessões, incluída a mulher, Maiby, uma cabocla. Esta transação mostra a crueldade das leis do capital e a redução da mulher a um mero objeto que poder ser intercambiado (podemos ver aqui, novamente, o migrante como vitimário e a cabocla como vítima). Sabino considera que sua mulher é uma carga, que faz com que ele vire improdutivo; ele pensa que, se ele ficar com ela, não poderá pagar todas as dívidas. O texto, porém, inclui uma mudança interessante: depois de ter ficado sem dívidas, Sabino não consegue ir embora porque continua imaginando o corpo de Maiby e não suporta o fato de que outras mãos possam agora tocá-lo. Há então uma contradição entre o seu desejo de voltar para a sua terra e a permanência do desejo de possuir o corpo de Maiby mais uma vez. Num sentido, o corpo dela funciona aqui como outro lar possível para o qual voltar; é entre essas duas formas do retorno que Sabino deve escolher.

Maiby some por alguns dias e, finalmente, ela é encontrada morta, amarrada a uma árvore cheia de incisões para a extração do caucho. Eis a descrição, bastante explícita: “Uma mulher, completamente despida, estava amarrada a certa seringueira” (RANGEL, 1914, p. 216); “Era como uma extravagante orchidea, carnosa e trigueira, nascida ao pé da arvore fatidica” (RANGEL, 1914, p. 218). A associação fica assim clara: “immolada na arvore, essa mulher representava a terra [...] esse cadaver se diria representar, em miniatura, um crime maior, não cometido pelo Amor, em coração desvairado, mas pela Ambição collectiva de milhares d’almas,

endoudecidas na cobiça universal” (RANGEL, 1914, p. 218-19). O assassinio da inocente cabocla, uma figura que nem sequer fala no conto, é descrita como uma crucifixão. Além das óbvias conotações cristãs vinculadas ao sofrimento e ao martírio, a cena da mulher se dessanguando até a morte amarrada a uma árvore que está também perdendo o seu “sangue”, é eloquente. A imagem da árvore sofrente que perde o seu fluido vital vai aparecer novamente, mas dessa vez como uma representação dos homens que são escravizados e torturados como parte do sistema de exploração do caucho, no já mencionado romance *La vorágine*.¹⁹ Como este capítulo tem sugerido, as mulheres sofrem com frequência as consequências destruidoras das dinâmicas da acumulação do capital. Beckman, numa análise de *Pedro Páramo* (1955), de Juan Rulfo, comenta brevemente a noção de acumulação sexual: “women are revealed as an original site of accumulation, continued in the landowner’s [...] demand for free access to women’s bodies, often through rape” (BECKMAN, 2016, p. 818).²⁰ Em “Maiby”, a mulher é reduzida a um elemento que permite que o sertanejo escravizado compre a sua liberdade. Porém, a sua lembrança do corpo de Maiby faz com que ele não consiga ir embora. É importante sublinhar aqui a materialidade do corpo, que se torna evidente novamente na imagem com que a história termina. Maiby não é, na verdade, uma personagem, mas só um nome e um corpo sofrente. A cena final é também potente na identificação entre a mulher sacrificada e a árvore (é frequente na narrativa de Rangel a associação entre cenas do mundo vegetal e as relações humanas e econômicas). O corpo da mulher parece surgir como uma árvore nova: é descrito, de fato, como um fruto ou um produto da árvore. As conotações sexuais da orquídea são também evidentes aqui, já que o que se sugere não é

¹⁹ Bernucci realiza uma comparação detalhada entre Maiby e Alicia, uma personagem importante de *La vorágine* que também é torturada (BERNUCCI, 2017, p. 83). Lesley Wylie explica que Roger Casement, um viajante irlandês na Amazônia que denunciou as torturas e assassinios sistemáticos das populações indígenas realizados pela Peruvian Amazon Company (especializada na extração do caucho e que comerciava na bolsa de valores de Londres), também “forges and associative interplay between rubber trees and native bodies” (WYLIE, 2013, p. 87). É importante lembrar que nem Rivera nem Rangel, ao realizarem as suas denúncias, se preocupam principalmente com o trágico destino das populações indígenas da região durante esses anos.

²⁰ No mesmo texto, Beckman, referindo ao livro de Maria Mies *Patriarchy and Accumulation on a World Scale*, discute a conexão entre os corpos das mulheres e a acumulação primitiva: “historically, the enclosure of the commons and the domestication of women occurred at the same moment” (BECKMAN, 2016, p. 830, n. 25).

só a crucifixão más também o estupro (o mesmo tipo de estupro que a própria natureza sofre).

Este artigo discutiu as formas nas quais os corpos humanos se relacionam com o mundo animal e vegetal no contexto do boom da borracha, assim como a relação mais geral entre trabalho, natureza e capital. Este causa uma mudança radical nas vidas dos camponeses amazônicos, homens e mulheres, em diferentes formas. Os contos de Rangel mostram o espaço do lar como uma conquista precária e passageira dos caboclos trabalhadores. A atenção ao espaço da intimidade, com frequência destruído nestas narrativas, mostra uma forma original de entender a relação dos humanos com a natureza selvagem. À lógica do capital, estes textos moralizantes opõem a ética do trabalho constante. Trata-se de uma forma de trabalho que não dá nenhum valor excedente ao produto que surge dela, uma forma de produção que não tem como objetivo o intercâmbio. As múltiplas tentativas de conseguir uma vida autossuficiente narradas nestes textos não conseguem permanecer indiferentes à presença esmagadora do capital, que aparece, mais fortemente, como acumulação sexual.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. *¿Qué es un dispositivo? seguido de El amigo y de La Iglesia y el Reino*. Trad. Mercedes Ruvituso. Barcelona: Anagrama, 2015.
- AMORY, Frederic. “As biografias de Euclides da Cunha”. In: BERNUCCI (Org.) *Discurso, ciência e controvérsia em Euclides da Cunha*. São Paulo: Edusp, 2008. p. 11-22.
- BATE, Jonathan. *Romantic Ecology: Wordsworth and the Environmental Tradition*. New York and London: Routledge, 1991.
- BECKMAN, Ericka. *Capital Fictions: The Literature of Latin America’s Export Age*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2013.
- _____. “Unfinished Transitions: The Dialectics of Rural Modernization in Latin American Fiction”, *Modernism/modernity*, vol. 23, no. 4, 2016, pp. 813-32.
- BERNUCCI, Leopoldo M. *Paraíso suspeito: a voragem amazônica*. São Paulo: Editora de Universidade de São Paulo, 2017.
- CUNHA, Euclides da. *À margem da história*. Porto: Livraria Chardron, 1909.
- DE LA TORRE, Óscar. *The People of the River: Nature and Identity in Black Amazonia, 1835–1945*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2018.
- DESCOLA, Philippe. *Beyond Nature and Culture*. Traducción Janet Lloyd. Chicago: The University of Chicago Press, 2013.
- FOSTER, John Bellamy. *Marx’s Ecology: Materialism and Nature*. New York: Monthly Review Press, 2000.
- HARDMAN, Francisco Foot. *A vingança da Hileia: Euclides da Cunha, a Amazônia e a literatura moderna*. São Paulo: Edusp, 2009.
- HECHT, Susanna B. *The Scramble for the Amazon and the Lost Paradise of Euclides da Cunha*. Chicago: The University of Chicago Press, 2013.
- LEÃO, Allison. *Amazonas: natureza e ficção*. São Paulo: Annablume, 2011.
- MALIGO, Pedro. *Land of Metaphorical Desires: The Representation of Amazonia in Brazilian Literature*. New York: Peter Lang, 1998.
- PERUS, Françoise. *Literatura y sociedad en América Latina: el modernismo*. México DF: Siglo veintiuno editores, 1980.
- PRATT, Mary Louise. *Imperial Eyes: Travel Writing and Transculturation*. New York: Routledge, 1992.

- QUIN, Alejandro. "Rubber". In: DEGIOVANNI, Fernando; URIARTE, Javier (Ed.). *Latin American Literature in Transition III: 1870-1930*. Cambridge: Cambridge University Press, 2022 (in press).
- RALEGH, Walter. *Discoverie of the Large, Rich, and Bewtiful Empyre of Guiana*, intro. Neil L. Whitehead. Norman: University of Oklahoma Press, 1997 [1596].
- RANGEL, Alberto. *Inferno verde: Scenas e scenarios do Amazonas*. Second Edition. N.P. Typographia "Minerva", 1914 [1908].
- _____. *Sombras n'agua: Vida e paizagens no Brasil equatorial*. Leipzig: L.A. Brockhaus, 1913.
- REMIEN, Peter. "Oeconomy and Ecology in Early Modern England", *PMLA*, 132.5, p. 1117-1133, 2017.
- RIVERA, José Eustasio. *La voráGINE*. Montserrat Ordóñez (Ed). Madrid: Cátedra, 2003.
- SOUZA, Márcio. *A expressão amazonense: Do colonialismo ao neocolonialismo*. São Paulo: Alfa-Omega, 1978.
- SLATER, Candace. *Dance of the Dolphin: Transformation and Disenchantment in the Amazonian Imagination*. Chicago: The University of Chicago Press, 1994.
- _____. *Entangled Edens: Visions of the Amazon*. Berkeley: University of California Press, 2002.
- SMITH, Neil. *Uneven Development: Nature, Capital, and the Production of Space*. Athens: University of Georgia Press, 2008.
- TSING, Anna Lowenhaupt. *The Mushroom at the End of the World: On the Possibility of Life in Capitalist Ruins*. Princeton: Princeton University Press, 2015.
- TONIN, Fabiana Bigaton. *Águas Reversas: confluências da memória, literatura e história nas memórias inéditas de Alberto Rangel*. 2009. Dissertação (Mestrado em Literatura).: Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, Campinas, 2009. <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/270250>
- URIARTE, Javier. "A ilusão da casa: viagens, domesticação e perdas da origem em Alberto Rangel e William Henry Hudson", *Letterature d'America*, v. XXXVI, n. 160, p. 21-45, 2016.
- _____. *The Desertmakers: Travel, War, and the State in Latin America*. New York: Routledge, 2020.
- WEINSTEIN, Barbara. *The Amazon Rubber Boom: 1850-1920*. Stanford: Stanford University Press, 1983.
- WYLIE, Lesley. *Colombia's Forgotten Frontier: A Literary Geography of the Putumayo*. Liverpool: Liverpool University Press, 2013.

Resumo: Este artigo estuda a representação da relação entre humanos e meio ambiente em algumas narrações dos livros *Inferno verde* (1908) e *Sombras n'água* (1913), de Alberto Rangel. Analisa-se a forma de representar as dificuldades que os humanos encontram nos seus esforços por domesticar e transformar o espaço amazônico num espaço teoricamente produtivo. Assim, o artigo argumenta que a permanente (e quase sempre destinada ao fracasso) luta contra o “deserto” amazônico que está no centro destas histórias, deve ser lida como parte de uma denúncia explícita da penetração do capital global que transformou profundamente a região nas primeiras décadas do século XX. Rangel sugere que essa penetração foi extremamente violenta e que transformou para sempre as vidas (que os textos representam como simples mas harmônicas) dos caboclos da região. A proposta de Rangel constitui uma intervenção original na história representacional da Amazônia como uma terra a ser “conquistada” ou “penetrada” pelo viajante - homem - estrangeiro, já que as suas histórias representam essa chegada através de cenas de estupro nas quais os personagens femininos são as vítimas.

Palavras-chave: Trabalho, Violência sexual, Natureza e capital global, *Boom* da borracha

Abstract: This article studies the representation of the relationship between humans and the environment in some short stories from the books *Inferno verde* [Green Hell] (1908) and *Sombras n'água* [Shadows in the Water] (1913), by Alberto Rangel. I analyze the way of representing the difficulties that humans encounter in their efforts to domesticate and transform the Amazon into what they understand to be a productive space. Thus, the article argues that the constant (and doomed to failure) fight against the Amazonian wilderness, which is at the center of these short stories, should be read as part of an explicit denunciation of the penetration of global capital which dramatically changed the region in the first decades of the 20th century. Rangel shows that this penetration was extremely violent and that it transformed forever the lives (understood in the texts as hard but harmonic) of Amazonian *caboclos*. Rangel's ideas constitute an original intervention in the representational history of Amazonia as a land ready to be “penetrated” or “conquered” by a foreign male traveler, since his stories show these arrivals through scenes of rape and destruction of the bodies of Amazonian *caboclas*.

Keywords: Labor, Sexual violence, Nature and global capital, The rubber boom